

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: O Popular / Goiânia Class.: Camp. Mogno
Data: 20/11/92 Pg.: 90

Mogno, índio e devastação

Henrique Duarte

Quando se debatia, nos anos 60, a questão do mogno do norte de Goiás, hoje Tocantins, o assunto estava centrado no posicionamento político da esquerda, que condenava a extração da madeira e sua exportação por firmas estrangeiras. Impunha-se, acima do nível do debate ecológico atual, o nacionalismo defendido por partidos e movimentos de esquerda. Usava-se o ponto de vista da devastação e extinção das espécies mais como pano de fundo do objetivo mais próximo - a polícia anti-americana.

O papel opaco proporcionado por representantes do europeu Greenpeace, anteontem, quando foram ao sul do Pará protestar contra a extração do mogno tornou-se tão inócuo quanto os falsos defensores de florestas do passado. Não foi apenas um papel. Foi um papelão o dos ricos rapazes do movimento brasileiro - um arremedo do europeu, que efetivamente vem protestando contra danos deliberados à natureza.

Nem sabiam que o mogno, já extinto no Tocantins, poderá acabar também no sul do Pará. Não porque as serrarias semi-industrializam as toras, mas porque, nas terras indígenas, o corte acontece normalmente, fazendo a riqueza de pajés. Paulinho Palakan, de viva lembrança devido ao caso de estropo que protagonizou, vive numa reserva intocável pela lei dos brancos. Mas tocada, profundamente, pela devastação do mogno. Os índios vendem a madeira pela melhor oferta e nem se importam com o reflorestamento. Tudo à sombra da Funai, demasiadamente protetora.

A infelicidade da selva não tem como causa única o branco predador e ambicioso. Sofre arranhões irreparáveis dos seres que, por ignorância ou boa fé, deveriam protegê-

la. A tutela do Estado os faz ambiciosos, ao dar-lhes imensas áreas de terras. A extinção do mogno é fato comprovado. Esta espécie de alto preço no mercado internacional segue o mesmo destino do Pau Brasil, que deixou o litoral desprovido de sequer uma floresta-testemunha da importante madeira.

Ao fazer um curso de pós-graduação em Paris, na sua especialidade de escultura, Maria Guilhermina encontrou num velho moinho farta madeira de Pau Brasil. Esta é ainda a trilha do extrativismo vegetal brasileiro. A trilha que o Greenpeace tenta escamotear ao protestar no terreiro errado. O mogno vai virar, dentro de pouco tempo, apenas uma lembrança da magnífica madeira utilizada até na indústria aeroespacial e naves de alta tecnologia.

Seu desaparecimento acontece tanto pela ação das madeireiras que não fazem reflorestamento, quanto pela ação passiva de índios donos de grandes extensões de terras no Pará, onde as únicas riquezas são o ouro e o mogno. A situação está a exigir ações integradas de preservação do que resta e de reposição de novas plantas no lugar das árvores ceifadas. Uma ação conjunta que não exclua o índio, também um predador, embora dentro de suas próprias reservas.

No antigo norte de Goiás o mogno desapareceu por completo. Naqueles tempos de devastação e nacionalismo desenfreado o termo ecologia nem era conhecido. Não se falava em camada de ozônio e meio ambiente era assunto tratado artesanalmente por uma secretaria ligada à Presidência da República. Quase uma poesia. O tempo passou e nada mudou. Apenas juntaram-se índios e brancos para promover mais rapidamente a derrubada do mogno. Uma conjunção dendroclástica digna de encômios.